

I S T V Á N M É S Z Á R O S



A OBRA *DE* SARTRE

BUSCA DA LIBERDADE E DESAFIO DA HISTÓRIA



ESPÍRITO
EDITORIAL

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível.





John Jones

A OBRA DE SARTRE
Busca da liberdade e desafio da história

Sobre A obra de Sartre

Franklin Leopoldo e Silva

Este livro pode ser visto como o encontro de duas atitudes que convivem num mesmo autor e o vinculam àquele que é o seu objeto de estudo: a profunda afinidade política e a enorme discordância filosófica que se podem constatar na relação entre István Mészáros e Jean-Paul Sartre. Se estivéssemos diante de uma contradição intransponível, o livro não teria sido possível, mas, felizmente, trata-se de uma diferença produtiva, aquela que ocorre entre figuras intelectuais comprometidas com a história e a verdade, no sentido concreto de que nessa relação se passa o drama da emancipação humana. O que se eleva acima das controvérsias conceituais é a defesa de uma causa, o resgate de esperanças e expectativas maiores do que os instrumentos doutrinários que utilizamos para tentar realizá-las.

E disso dá testemunho o texto do próprio Mészáros na introdução desta nova edição: o que ele admira em Sartre é a intransigência e a coragem que sempre pautaram sua conduta pessoal, intelectual e política. O filósofo da existência e da história, que em seu trajeto afrontou todos os preconceitos das tradições e das doutrinas, passando ao largo dos dogmatismos; e o militante político, que, sem concessões de qualquer espécie, sempre se colocou decisivamente contra todas as opressões onde quer que elas ocorressem. Existência e história são temas de uma filosofia da liberdade, e autenticidade e emancipação são os fins concretos a serem incansavelmente perseguidos pelos que vivem e agem com consciência da responsabilidade histórica. Todavia, é na linha contínua que se estabelece entre as exigências filosóficas de rigor reflexivo e as questões suscitadas pela práxis histórica que se encontram o filósofo e o comentador, na mais pura comprovação de que autor e leitor, se envolvidos no mesmo engajamento, completam-se pelas próprias divergências, contribuindo dessa forma para o esclarecimento das ideias e a pertinência da ação.

Dentre os elementos que foram revistos e introduzidos nesta nova edição, destacam-se as considerações críticas acerca da filosofia sartriana da história, a partir da Crítica da razão dialética. Noções como indivíduo e escassez são examinadas com grande argúcia, os pressupostos e os limites dos argumentos são claramente desvendados, nunca com propósito negativo ou desqualificador, mas sempre na linha de uma compreensão da originalidade de Sartre e da reconhecida grandeza de seu empreendimento, que conserva a singular virtude, apontada com

insistência por Mészáros, de incomodar a consciência acomodada do nosso tempo.

István Mészáros
A OBRA DE SARTRE
Busca da liberdade e desafio da história

Tradução
Lólio Lourenço de Oliveira

Rogério Bettoni

BOITÉMPO
EDITORIAL

Copyright © Boitempo Editorial, 2012
Copyright © István Mészáros, 2012

<i>Coordenação editorial</i>	Ivana Jinkings
<i>Editora-adjunta</i>	Bibiana Leme
<i>Assistente editorial</i>	Pedro Carvalho
<i>Tradução</i>	Lólio Lourenço de Oliveira Rogério Bettoni
<i>Tradução dos trechos em francês</i>	Livia Campos e Mariana Echalar
<i>Revisão técnica dos capítulos 6, 7 e 8</i>	Caio Antunes
<i>Revisão</i>	Thaís Burani
<i>Diagramação</i>	Livia Campos
<i>Capa</i>	David Amiel sobre fotografia de Jean-Paul Sartre, de autoria desconhecida, tirada em 1950 e publicada em 1983 pelo jornal argentino <i>Clarín</i>
<i>Produção</i>	Flávia Franchini

Versão eletrônica

Produção Kim Doria

Diagramação Fábrica de Pixel / www.fabricadepixel.com.br

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M55o

Mészáros, István, 1930-

A obra de Sartre : busca da liberdade e desafio da história / István Mészáros ; tradução Rogério Bettoni. - São Paulo : Boitempo, 2012.

Tradução de: The work of Sartre: search for freedom and the challenge of history

ISBN 978-85-7559-213-7

1. Sartre, Jean-Paul, 1905-1980. 2. Filosofia francesa. 3. Literatura - Filosofia. I. Título.

12-2334.

CDD: 194

*É vedada a reprodução de qualquer parte
deste livro sem a expressa autorização da editora.*

Este livro atende às normas do acordo ortográfico em vigor desde janeiro de 2009.

1ª edição: junho de 2012

*BOITEMPO EDITORIAL
Jinkings Editores Associados Ltda.
Rua Pereira Leite, 373
05442-000 São Paulo SP
Tel./fax: (11) 3875-7250 / 3872-6869
editor@boitempoeditorial.com.br
www.boitempoeditorial.com.br*

Sumário

Capa

Créditos

Sumário

Prefácio à edição ampliada

Introdução à primeira edição

PRIMEIRA PARTE

1. O escritor e sua situação

2. Filosofia, literatura e mito

3. De “A Lenda da Verdade” A uma “Verdadeira Lenda”:

SEGUNDA PARTE

4. Busca do indivíduo: as primeiras obras

5. Liberdade e paixão: O mundo de o ser e o nada

TERCEIRA PARTE

Introdução à Terceira Parte

6. Estruturas material e formal da história: crítica da concepção sartriana de razão dialética e totalização histórica

7. Lévi-Strauss contra Sartre

8. O papel da escassez nas concepções históricas

9. A dimensão perdida

Conclusão

Obras do autor

E-books da Boitempo Editorial

Para Donatella

“Cada homem traz dentro de si toda uma época,
do mesmo modo que cada onda traz dentro de si todo o mar.”

The Purposes of Writing

“Não dependo senão deles, que não dependem senão de Deus, e eu não creio em Deus.
Vejam se se reconhecem nisto.”

As palavras

“Não tenho culpa se a realidade é marxista.”

Sartre citando Che Guevara

“A questão fundamental é: que fez você de sua vida?”

La Question

NOTA DA EDITORA

Esta é uma nova edição, ampliada, revista e atualizada, do livro *A obra de Sartre*, publicado no Brasil em 1991 pela editora Ensaio (com base no original *The work of Sartre: search for freedom* (Atlantic Highlands, N. J., Humanities Press, 1979)). Na atual versão, que a Boitempo disponibiliza aos leitores de língua portuguesa ao mesmo tempo que a versão em língua inglesa é lançada (Nova York, Monthly Review Press, 2012), foram inseridos pelo autor capítulos novos e alguns publicados anteriormente como parte do livro *Estrutura social e formas de consciência II: a dialética da estrutura e da história* (São Paulo, Boitempo, 2011). Todos foram, porém, revistos e atualizados para esta edição.

NOTA DO TRADUTOR

A coleção de ensaios *Situations*, bastante citada por Mészáros, compõe-se de dez volumes publicados originalmente em francês, pela Gallimard, entre 1947 e 1976. Os sete primeiros volumes foram lançados em Lisboa pela Europa-América, e o décimo, pela A. Ramos. O primeiro volume, *Situações 1: críticas literárias*, foi publicado no Brasil em 2006 pela Cosac Naify e alguns textos foram editados separadamente, como *Que é a literatura?* (2. ed., São Paulo, Ática, 1993). Em inglês, há também uma edição intitulada apenas *Situations*, que não se refere ao primeiro volume da série, mas sim a uma coletânea de ensaios retirados de todos os volumes.

PREFÁCIO À EDIÇÃO AMPLIADA

Em abril de 1992, o periódico trimestral *Radical Philosophy*, em uma entrevista publicada no número 62, fez-me a seguinte pergunta: “*Você conheceu Sartre em 1957. Por que decidiu escrever um livro sobre ele?*”.

Esta foi minha resposta:

Sempre senti que os marxistas deviam muito a Sartre, pois vivemos numa era em que o poder do capital é dominador, uma era em que, significativamente, a ressonante platidão dos políticos é que “não há alternativa”, quer se pense na sra. Thatcher, quer se pense em Gorbachev, que repetiu infinitamente a mesma coisa até descobrir, como a sra. Thatcher, que no fim das contas tinha de haver uma alternativa para ambos. Mas isso continua se repetindo e, se olharmos em volta e pensarmos em como é feito o discurso dos políticos do [Partido] Conservador e do Trabalhista, eles sempre falam que “não há alternativa”, e as pressões subjacentes são sentidas em todos os lugares.

Sartre foi um homem que sempre pregou exatamente o oposto: há uma alternativa, deve haver uma alternativa; como indivíduos, devemos nos rebelar contra esse poder, esse monstruoso poder do capital. Os marxistas, de modo geral, não conseguiram dar voz a isso. Não digo que, para admiti-lo, seja, portanto, necessário tornar-se um existencialista, mas não há ninguém nos últimos cinquenta anos de filosofia e literatura que tenha tentado martelar isto com tanta pertinácia e determinação quanto Sartre: a necessidade de que tem de haver uma rebelião contra o saber do “não há alternativa” e deve haver uma participação individual nela. Não adoto as ideias filosóficas de Sartre, mas compartilho plenamente de sua meta. Cabe a cada um saber como realizar essa meta no contexto de sua própria abordagem; mas a meta é algo sem o que não chegaremos a lugar nenhum.

Sartre hoje, na França, é uma pessoa bastante desconcertante até para ser mencionada. Por quê? O que aconteceu foi que, em nome do privatismo e do individualismo, eles se venderam totalmente aos poderes da repressão, uma capitulação às forças do “não há alternativa”, e é por isso que Sartre é uma lembrança terrível. Quando olhamos o passado dessas pessoas sobre as quais falamos, “pós-modernistas” de uma grande variedade, percebemos que muitas vezes elas foram politicamente enganadas. Mas seu engajamento foi superficial. Algumas delas, por volta de 1968, eram mais maoístas que os maoístas extremos na China, e agora adotaram a direita de maneira mais entusiasmada; ou então faziam parte do grupo francês “Socialismo ou Barbárie” e tornaram-se mascates das mais estúpidas platitudes da “pós-modernidade”.

Essas pessoas perderam seu quadro de referência. Na França, a vida intelectual costumava ser dominada, de uma maneira ou de outra, pelo Partido Comunista. Isso também vale para Sartre, que tentou criticá-lo de fora e impulsioná-lo na direção que defendia, até que teve de concluir que trabalhar em colaboração com o Partido Comunista era “tanto necessário quanto impossível” – o que é terrível, um duro dilema. Ele disse isso na época da guerra da Argélia, quando o papel do Partido Comunista foi totalmente deplorável. Necessário porque é preciso um movimento de oposição à força repressiva do Estado; e impossível por causa da própria natureza desse movimento.

Por certo, o que aconteceu foi a desintegração do Partido Comunista francês, assim como ocorreu com vários outros partidos da Terceira Internacional nas duas últimas décadas. E, com o naufrágio desse grande barco em relação ao qual os intelectuais franceses, durante muito tempo, definiam-se de um modo ou de outro, eis que os intelectuais ficaram para trás: o barco naufragou e todos estão em botes infláveis, arremessando dardos uns nos outros. Não é uma visão muito reconfortante: e não sairão dessa simplesmente por fantasiar sobre a individualidade que não existe; porque a verdadeira individualidade é inconcebível sem uma comunidade com a qual possamos nos relacionar e nos definir.[1]

Nesse sentido, a importância da mensagem intransigente de Sartre sobre a necessária alternativa ao “não há alternativa” é maior hoje do que já foi anteriormente. E isso seria válido mesmo que a defesa apaixonada de Sartre pudesse ser explicitada, dos primeiros escritos em diante, somente na forma de uma negação radical do existente.

Já em 1939, em seu belíssimo ensaio sobre o romance de Faulkner, *O som e a fúria*[2], Sartre afirmou que

O desespero de Faulkner me parece anterior à sua metafísica: para ele, como para todos nós, o *futuro está vedado*. Tudo o que vemos, tudo o que vivemos nos incita a dizer: “Isso não pode durar” – e no entanto a mudança não é nem mesmo concebível, a não ser na forma de *cataclismo*. Vivemos no tempo das *revoluções impossíveis*, e Faulkner emprega sua arte extraordinária para descrever esse mundo que morre de velhice e nossa asfixia. Aprecio sua arte, mas não acredito em sua metafísica. *Um futuro vedado ainda é um futuro*.^[3]

A obstinada determinação com a qual Sartre poderia continuar desafiando todas as vantagens dos que reivindicavam (e continuam reivindicando) uma mudança radical permanece exemplar também em nossa época. Pois as apostas só sobem com o passar do tempo. Nessa conjuntura crítica da história, elas resultam em nada menos que uma ameaça à própria sobrevivência da humanidade. Ameaça numa época decisiva, quando o futuro parece estar fatalmente vedado pela crise estrutural cada vez mais profunda do capital e pelo poder demasiadamente óbvio da destruição injustificada que emana dela em relação às necessárias emancipação e transformação revolucionárias.

Contudo, é extremamente significativo que Sartre não se detenha em dar enfoque apenas à grave facticidade do *futuro vedado*. Sua obra é da maior relevância precisamente porque ele pôde realçar, mesmo em seus momentos mais obscuros e pessimistas, que “*um futuro vedado ainda é um futuro*”, salientando ao mesmo tempo a responsabilidade direta de cada indivíduo em encarar o desafio histórico correspondente. Foi por essa razão que ele teve de se tornar – em um mundo de acomodações mesquinhas e evasões buscadas como resposta cegamente autoimposta ao agravamento da crise – uma lembrança constrangedora e uma presença incômoda.

Há mais de cinquenta anos, em 1958, em um artigo chamado “De ratos e homens”, Sartre expressou da maneira mais engenhosa sua preocupação com a magnitude aparentemente proibitiva da tarefa que deveria encarar. Assim disse ele naquela época:

Lembro-me de quando vi um cachorrinho depois da remoção parcial do cerebelo. [...] Pensava muito antes de contornar um objeto, precisando de grande dose de tempo e de pensamento para executar movimentos a que antes não dava atenção alguma. Na linguagem da época, dizíamos que o córtex havia assumido, nele, determinadas funções das regiões inferiores. *Ele era um cão intelectual*. [...] *ele tinha ou de morrer, ou de reinventar o cachorro*.

Do mesmo modo, nós – ratos sem cerebelos – somos também feitos de tal modo que *devemos ou morrer, ou reinventar o homem*. [...] sem nós a fabricação se daria no escuro, por emendas e remendos, se nós, os “descerebrados”, não estivéssemos ali para repetir constantemente que devemos trabalhar segundo *princípios*, que não é uma questão de *remendar*, mas de medir e *construir*, e, finalmente, que ou *a humanidade será o universal concreto, ou não será*.^[4]

Seria verdade que o cão parcialmente descerebrado “reinventou o cão” na qualidade de “cão intelectual” para não morrer? O fato é que é totalmente irrelevante se o filhote realmente teve êxito em reinventar o cão. A questão em jogo não é a “verdade literal” (ou não) da situação descrita, mas algo incomparavelmente mais fundamental que isso. É a mesma verdade vital que afeta de forma indelével a vida de todos os seres humanos em seu ambiente inevitavelmente histórico; a vida de cada um deles, nada mais nada menos que a visão de seus filósofos e poetas engajados de forma profunda que tentam tornar explícitas as preocupações comuns de seu tempo em consonância com a desagradável adversidade histórica, em constante transformação, da humanidade. Essa “verdade não literal” é a

mesma salientada na primeira metade do século XIX pelo grande gênio poeta da Hungria, Sándor Petőfi, quando, na celebração do surgimento das primeiras vias férreas por toda a Europa, ele fez e respondeu sua pergunta fundamental desta maneira:

Por que não construíram ferrovias no passado?
Não havia ferro suficiente?
Arrebentem e derretam todos os grilhões,
Pois deve haver ferro suficiente!

A verdade de Petőfi equivale à crença existencial fundamental de Sartre concernente à sobrevivência da humanidade. Só mudaram as circunstâncias. Seu significado também é compartilhado no sentido de que a necessária “reinvenção do homem” – que não pode ser realizada, como diz Sartre corretamente, “no escuro, por emendas e remendos”, mas somente pela *construção* guiada por *princípios* – é totalmente impossível sem “arrebentar e derreter todos os grilhões”. No sentido literal, assim como no sentido figurativo mais amplo. E isso torna imperativa a abertura revolucionária do “futuro vedado” antes que seja tarde. Por essa razão, a mensagem sartriana, indo à raiz de nossos problemas, é ainda mais relevante hoje do que no passado.

Em 1979, quando publiquei *A obra de Sartre: busca da liberdade* na série Harvester Philosophy Now, editado pelo meu querido amigo Roy Edgley, deveria ter havido um segundo volume sob o título *O desafio da história*, analisando a concepção sartriana da história. Outra obra contribuiu para o atraso da completude desse projeto e modificou alguns dos detalhes pretendidos no início. Os problemas complexos envolvidos tiveram de ser explorados em seu cenário mais abrangente – o que tentei fazer principalmente em meus livros *O poder da ideologia*[5] e *Para além do capital* [6], bem como nos dois volumes publicados recentemente do *Estrutura social e formas de consciência*[7] –, incluindo a dimensão *positiva* da alternativa necessária que teve de permanecer, até o fim, ausente da negação radical que Sartre faz do existente. Sem se encarregar dessa obra complementar em seu necessário quadro geral, o protesto apaixonado de Sartre sobre a carga paralisante das “revoluções impossíveis” – que marcou seus últimos anos de vida com um pessimismo irreparável – não poderia ser colocado em sua perspectiva apropriada, historicamente mutável.

Na época da publicação da primeira edição deste livro, que agora recebe como acréscimo uma terceira parte bem ampla, um crítico escreveu que

A obra de Mészáros é um estudo filosófico [...]. Não só fornece uma expressiva crítica de Sartre como também o situa em relação ao pensamento do século XX. Sua abordagem de Sartre abrange todas as suas manifestações – romancista, dramaturgo, filósofo e político – e *faz jus a esse homem muitíssimo extraordinário*. [Labour Weekly]

Embora jamais compartilhe do pessimismo abertamente confesso ou implícito de Sartre sobre as soluções factíveis, a orientação geral e o espírito do projeto agora terminado são os mesmos pretendidos originalmente. Trata-se de pôr em relevo, contra deturpações

diametralmente opostas e igualmente tendenciosas, não só os dilemas e antinomias insolúveis da negação radical de Sartre, como formulados da perspectiva de sua classe, contra a qual se rebelou com a maior integridade, mas também seu valor representativo e sua relativa validade histórica para a totalidade da nossa época crítica. Para “fazer jus a esse homem muitíssimo extraordinário” – nosso verdadeiro companheiro de armas.

INTRODUÇÃO À PRIMEIRA EDIÇÃO

Sem cair no maniqueísmo, deve-se exaltar a intransigência. No extremo, toda posição de esquerda – na medida em que é contrária ao que pretendem inculcar a toda a sociedade – é considerada “escandalosa”. Isso não quer dizer que se deva buscar o escândalo – isso seria absurdo e ineficaz – mas sim que não se deve temê-lo: se a posição tomada for correta, ele virá como efeito colateral, como um signo, como uma sanção natural contra uma atitude de esquerda.[8]

Jean-Paul Sartre é um homem que viveu metade da vida sob as luzes da extrema notoriedade. Um intelectual que, já em 1945, teve de protestar contra tentativas que visavam à institucionalização do escritor, transformando suas obras em “bens nacionais”, clamando: “não é agradável ser tratado enquanto vivo como um monumento público”[9].

O que também deve ser desagradável é estar constantemente sujeito a injúrias. E o fato é que escritor algum foi alvo de tantos ataques, de origens as mais variadas e poderosas, quanto Jean-Paul Sartre.

Quais as razões disso? Como abordar a obra desse homem, nosso contemporâneo?

1

Em outubro de 1960, uma manifestação de veteranos de guerra na Champs-Élysées marcha sob a palavra de ordem: “Fuzilem Sartre”. Na mesma época, o *Paris-Match* publicou um editorial com o título: “Sartre, a máquina da guerra civil”.

Alguns dos manifestantes, ou dos leitores do *Paris-Match*, não estavam brincando: no dia 19 de julho de 1961 houve um atentado a bomba contra seu apartamento, e outro poucos meses depois, em 7 de janeiro de 1962. Pois como se poderia deixar em paz uma “máquina da guerra civil”?

Em outubro de 1960 não foi a primeira vez em que ele foi chamado de “máquina de guerra”. Em junho de 1945 – e, nessa época, do lado oposto da barricada – foi atacado como “fabricante da máquina de guerra contra o marxismo”[10]. Que ironia! Será que Sartre mudou tanto assim? Ou será que, talvez, esse ardoroso defensor da plena responsabilidade de cada indivíduo em meio às forças de institucionalização impessoal seja considerado irrecuperável e, assim, por uma estranha lógica, deva ser declarado um corpo estranho, uma máquina – de fato, uma mítica máquina de guerra? Quão reveladora é essa imagem bombástica partilhada por tantos? Por que é que instituições poderosas, ao defrontar com indivíduos solitários, representam a relação de forças “de cabeça para baixo” e denunciam a voz da dissidência como o ruído sinistro de uma poderosa máquina de guerra do inimigo?

Em 1948, nada menos do que uma potência como o governo soviético assumiu posição oficial contra Sartre: seus representantes diplomáticos em Helsinque tentaram pressionar o governo finlandês a proibir a exibição da peça de Sartre *Les mains sales* [As mãos sujas]. Ela foi vista como “propaganda hostil contra a URSS” – nada mais, nada menos!

Quem é esse homem, essa “*machine de guerre*”, armado de tais poderes míticos? Durante a guerra, quando Churchill procurava fundamentar seus argumentos fazendo referências ao papa, Stalin observou, com senso de realismo e franco cinismo: “Quantas divisões você disse que tem o papa?” Em 1948, mais amadurecido, teria Stalin pensado

que Sartre estava prestes a desencadear uma invasão, com muito mais divisões sob seu comando do que o papa jamais sonhara ter?

E por falar no papa, devemos nos lembrar de que naquele mesmo ano, em 30 de outubro de 1948, um decreto especial do Santo Ofício colocou no *Index* toda a obra de Sartre. Foi no espírito desse *Index* que, dezesseis anos mais tarde, em outubro de 1964, quando da rejeição do Prêmio Nobel por Sartre, o polido Gabriel Marcel, porta-voz do existencialismo cristão, bradou contra ele, com voz nada cristã, chamando-o de “difamador inveterado”, “blasfemo sistemático”, homem de “opiniões perniciosas e venenosas”, “patente corruptor da juventude”, “coveiro do Ocidente”[11]. Assim, o decreto do Santo Ofício, no reinado do papa Pio XII – o mesmo homem que abençoou as armas de Hitler em sua “Santa Cruzada” –, torna-se permissão para que se abram as comportas do rancor ímpio, em nome do cristianismo e como sustentáculo dos “valores do Ocidente”.

É, pois, como se Sartre fosse responsável por infligir uma ofensa mortal não só aos grandes poderes do nosso mundo, mas também aos representantes terrenos do mundo do além. Não é provável que algum mortal consiga fazer tudo isso.

2

Todavia, há sempre os dois lados da moeda, e o caso de Sartre não é exceção à regra. E a regra é que as instituições também procuram neutralizar – absorver, recuperar, assimilar (palavras de Sartre) – seus rebeldes.

Relatar em detalhes as “tentações” que se ofereceram a Sartre ocuparia páginas e mais páginas. Temos de nos contentar em mencionar apenas algumas delas.

Caracteristicamente, ofertas de integração chegam de ambos os lados. Pouco tempo depois de ter sido eleito vice-presidente da Associação França-URSS (cargo que manteve até renunciar, em consequência dos acontecimentos na Hungria, em 1956), Sartre é recebido com as maiores honras quando de sua viagem à Rússia. Outrora acusado pelo porta-voz literário de Stalin, Fadeev, de a “hiena com uma caneta”, seus livros – frutos da mesma caneta – são agora publicados na Rússia, e algumas de suas peças lá encenadas. Até mesmo *Les mains sales* – anteriormente objeto de negociação diplomática entre os governos soviético e finlandês – é encenada no Leste, embora não na Rússia, mas em Praga. Ironicamente, não antes, mas *depois* da intervenção soviética de 1968. Do mesmo modo, suas relações com o Partido Comunista francês – não obstante alguns contratempores maiores, como no caso da Hungria, em 1956 – são, em geral, bastante boas entre 1949 e 1968. Isto é, até que a avaliação de Sartre a respeito de Maio de 1968 leve a uma ruptura total e aparentemente irreparável.

Quanto ao outro lado, o número de ofertas constituiu literalmente uma legião: desde a da Légion d’Honneur até a concessão do Prêmio Nobel.

Em 1945, em reconhecimento a seus méritos durante a resistência, foi-lhe oferecida a ordem da Légion d’Honneur, mas ele a recusou. Em 1959, no entanto – como que numa inábil tentativa de retirar uma oferta que não fora aceita –, Malraux acusa Sartre de colaboração, com o pretexto absurdo de que permitiu a encenação de sua peça antifascista, *As moscas*, durante a ocupação alemã, quando, de fato, tudo aconteceu em perfeito acordo com o grupo de escritores da Resistência[12].

Em maio de 1949, após a investida de Mauriac contra sua posição política[13], Sartre rejeita a oferta do próprio Mauriac para conseguir-lhe uma cadeira entre os seletos “imortais” vivos – os quarenta membros da Académie Française – fazendo questão de dizer, em tom irônico, que não vai “aprender igualdade” na companhia daqueles que ostentam seu próprio “sentimento de superioridade”[14]. Nesse mesmo espírito, recusa a ideia de ingressar em outro pináculo da cultura francesa, o Collège de France, muito embora alegremente o fizesse seu velho amigo, Maurice Merleau-Ponty.

É preciso reconhecer que o prestígio de Sartre é tão elevado quanto o vértice da pirâmide institucional: vários presidentes da República Francesa dirigem-se a ele de forma respeitosa. Em 1952, Vincent Auriol confia a Sartre que considera excessiva a sentença contra Henri Martin, mas que não pode reduzi-la enquanto não lhe for possível superar a crise causada pelo protesto político em que Sartre desempenha papel proeminente. (Como lhe é característico, Sartre não cede.) Giscard d’Estaing, 23 anos mais tarde, faz questão de afirmar que, nos escritos de Sartre sobre a liberdade, encontrou muita inspiração e alimento espiritual. E até mesmo o orgulhoso general De Gaulle, que se considerava o próprio destino da França, chama Sartre de “*Mon Cher Maître*” [meu querido mestre], ao que este retruca: “Isto, creio eu, é para deixar bem claro que pretende dirigir-se ao homem de letras, e não ao presidente de um tribunal [o tribunal Bertrand Russell sobre o Vietnã – I. M.] que está decidido a não reconhecer. Não sou nenhum ‘*Maître*’, exceto para o garçom do café que sabe que escrevo”[15]. Resta pouco a dizer depois disso.

Contudo, a mais “escandalosa” das recusas de Sartre talvez seja sua rejeição do Prêmio Nobel[16], em 1964. Muito embora diga com toda a clareza em uma carta ao Comitê do Prêmio Nobel que, com igual firmeza, declinará do Prêmio Lenin, na hipótese improvável de que este lhe fosse concedido, André Breton acusa-o de realizar uma “operação de propaganda favorável ao bloco oriental”[17]. Sartre é acusado de um suposto golpe publicitário premeditado, calculado (como se necessitasse desesperadamente de publicidade, como o surrealismo, que perdera seus encantos), embora tenha escrito, em particular, à Academia Sueca assim que começaram a circular boatos de que o Prêmio podia ser-lhe concedido, tentando *evitar* uma decisão a seu favor, o que tornaria desnecessária toda publicidade. Isso confirma a sabedoria de Fichte, ou seja, de que quando os fatos não se ajustam às ideias preconcebidas, “*um so schlimmer für die Tatsachen*”, “tanto pior para os fatos”.

A única instituição que permanece curiosamente distante dessa disputa pela alma de Sartre é a Igreja. Mas, por outro lado, a Igreja tem a firme tradição de primeiro queimar os supostos heréticos – como nos recorda o destino de Joana D’Arc – para elevá-los à condição de santidade muito tempo depois de mortos.

3

Não se pode, assim, negar que Sartre provoque paixões intensas. E, quando rejeita as generosas ofertas de integração, é atacado com indignação ainda maior: pois haveria algo mais perverso do que morder a mão que quer *alimentá-lo*?

Existe ainda outro stratagema: a pretensa indiferença. Esta, porém, não funciona muito com Sartre, como ilustra bem seu antigo adversário Mauriac. Quando Sartre assume a responsabilidade pelo jornal perseguido do grupo maoista, *La Cause du Peuple*,